

O ENSINO DE HISTÓRIA E O PROTAGONISMO DISCENTE: DESAFIOS NA AMAZÔNIA RONDONIENSE¹

HISTORY TEACHING AND STUDENT LEADERSHIP: CHALLENGES IN THE AMAZON RONDONIENSE

*Adriane Pesovento²
Denise Pereira Rodrigues³
Janiny Kélvia Pisolier Hell⁴*

RESUMO: A disciplina de História é geralmente vista como matéria de difícil entendimento por parte dos educandos. Tal constatação decorre do fato de que uma significativa parcela dos educandos não reconhece a relevância do estudo do passado num tempo presente repleto de informações e novidades. Para alguns analistas, esta situação decorre da falta de diálogo em sala entre docente e discente, bem como da ausência de conexão e problematização entre o passado estudado e o presente vivido, que influencia negativamente o processo de ensino-aprendizagem da história, visto que os estudantes continuam a percebê-la como uma linha do tempo com sucessivos acontecimentos factuais apesar de toda a crítica a essa abordagem, na qual os fatos são narrados em ordem cronológica e de certo modo evolutiva. Para pensar possíveis abordagens metodológicas que transformem a percepção dos educandos em relação à História ensinada, o presente estudo visa problematizar as questões observadas durante as atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, realizadas no 7º ano do ensino fundamental da Escola E. E. F. e M. Cândido Portinari, no município de Rolim de Moura, na Amazônia rondoniense. A partir das informações levantadas com entrevistas semiestruturadas e observações, procura-se refletir acerca da denominada perspectiva “tradicional” e das “novas” possibilidades metodológicas no fazer histórico em sala de aula. A perspectiva refere-se a pensá-las como posturas que valorizam a relação entre o passado e o presente por meio da história local e conseqüentemente possibilitem aos educandos se verem como sujeitos históricos.

Palavras-chave: Ensino de História. Ensino-aprendizagem. Programa de Iniciação à Docência.

¹ Estudo realizado com o auxílio da Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID-Capes.

² Graduada em História (Licenciatura Plena e Bacharelado) Mestrado em História, Doutorado em Educação - UFMT. Professora de História do Brasil e da América da Universidade Federal de Rondônia - Campus Rolim de Moura (UNIR).

³ Acadêmica do 8º Período do Curso de História da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - Bolsista do Programa de Iniciação à Docência

⁴ Graduação na Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Especialização na Universidade Norte do Paraná.

ABSTRACT: The discipline of history is often seen as a difficult matter to understand by the students. This finding stems from the fact that a significant portion of the students does not recognize the relevance of the study of the past in a present time full of information and novelties. For some analysts, this situation stems from the lack of dialogue in the classroom between teachers and students, as well as the lack of connection and problematization between the past studied and the present lived which negatively influences the process of teaching and learning of history, as students continue to perceive it as a timeline with successive factual events despite all the criticism of this approach, in which the facts are narrated in chronological order and in a way evolutionary order. To think possible methodological approaches that transform the perception of the student in relation to the History taught, the study aims to discuss the issues observed during the activities of the Institutional Scholarship Program of Initiation to Teaching - ISPIT, held in the 7th year of elementary school of E. E. F. and M. Candido Portinari School in Rolim de Moura municipality, in Rondonia Amazon. From the information collected with semi-structured interviews and observations, we try to reflect on the "traditional" perspective and "new" methodological possibilities in historical doing in the classroom. The perspective refers to think of them as attitudes that value the relationship between the past and the present through the local history and thus allow the students to see themselves as historical subjects.

Keywords: History Teaching. Teaching-learning. Program of Initiation to Teaching.

Introdução

A disciplina de História tem sido considerada desnecessária e cansativa para alguns educandos principalmente por se tratar do estudo do tempo passado. Ao vivenciar um presente em que a velocidade da informação é notória, compreensões rápidas são de certo modo exigidas pelos estudantes. De certo modo, como o que importa é o presente, tanto pela idade jovem dos estudantes, quanto pelo modelo de sociedade em que estão inseridos, o passado pode tornar-se enfadonho e cansativo ou mesmo desnecessário, pois ele acaba configurando-se como “lugar estrangeiro” e sem ligações com o presente.

É muito comum ouvir questionamentos sobre qual o valor em se estudar o passado, no entanto poucas discussões têm ocorrido para responder essas indagações aos educandos, ou mesmo tentar junto com eles chegar a possíveis respostas ainda que provisórias, como deve ser todo conhecimento.

A disciplina de História continua sendo considerada como ciência do passado onde prevalece o que foi eleito como oficial, com nomes de heróis, em sua maioria governantes, bem como decorar datas e também promover comemorações em calendários previamente estabelecidos, sem a consulta discente, o processo quase sempre é impositivo, em que até o que comemorar é decidido sem o protagonismo estudantil.

Ao professor seu papel de problematizador, pode promover reflexões sobre as razões para estudar o passado e as ligações entre passado e presente, oportunizar por meio de uma práxis de autonomia intelectual estudantil, a presença de outros sujeitos produtores da História, assim como os próprios jovens como protagonistas do processo.

É necessário que os professores e educandos percebam que o estudo da História não se resume em fatos isolados do passado. Que o tempo não é algo estático, inflexível e linear, pelo contrário, está em consonância com o presente, e interage com o presente e com o cotidiano.

As aulas exigem leitura, debates, reflexões, produções e não somente reproduções, elas devem ter como foco o desenvolvimento da capacidade crítica dos educando. Provocar reflexões e propiciar o pensamento investigativo e

questionador das continuidades e rupturas entre passado-presente é papel dos docentes.

Obviamente não há como fomentar reflexões sem a apropriação do manancial de saberes produzidos pela humanidade, todavia, a ideia é que não prevaleça o ato de decorar, mas que os conteúdos dos saberes pensados e produzidos sejam convidados a dialogar para procurar explicar a contemporaneidade em que se está inserido.

Esse estudo propõe uma breve discussão acerca do ensino de história e alguns dos desafios enfrentados por docentes e discentes em sala de aula. O esforço do estudo, concentra-se em tentar conhecer, por meio das percepções dos estudantes da educação básica, obviamente que os filtros são dos pesquisadores, a narrativa também, todavia, as fontes para buscar compreender são as informações fornecidas pelos educandos desse nível de escolarização.

No estudo, privilegia-se também a investigação de possibilidades para o ensino de História de maneira a romper com o processo “mecânico” já amplamente difundido no que tange a “transmitir de fatos” e “assimilação” como se aprender fosse assim possível. O estudo toma como base a percepção de que os saberes são construídos de modo dialético e que, portanto, prescindem mais de questionamentos, incertezas, visão caleidoscópica, do que de verdades absolutas construídas por narrativas históricas já consagradas.

1. Desafios para o ensino de história

É possível perceber inúmeros desafios que cercam o processo e a prática de ensino. Ensino-aprendizagem como mão dupla, enfrenta desafios. Um deles é justamente compreendê-lo como processo e não como meio e fim ou um fim em si.

Em qualquer área do conhecimento existem desafios nesse processo tão delicado, subjetivo e também de certo modo afetivo.

A disciplina de História, por se tratar de conhecimentos acerca do tempo passado, é geralmente vista como difícil entendimento por parte dos educandos. Obviamente, se considerarmos outras áreas, também encontraremos as mesmas

respostas. Matemática é difícil por fatores A e B, Língua Portuguesa por Y ou Z, então os relatos não se restringem a apenas essa área, mas também a história. É possível que se torne "sem sentido" para os jovens justamente por não identificar nos estudos sobre o passado as continuidades no presente. Nos seus cotidianos, ou seja, nas trajetórias familiares, nos contextos culturais em que estão imersos, na problemática social do tempo presente.

Em grande medida isso se dá porque as aulas de História ainda têm se resumido a exposições e memorização como já foi dito. Além da falta de diálogo e ausência de conexão e problematização entre o passado estudado e o presente vivido.

Nessa perspectiva percebe-se a necessidade e relevância em se discutir e refletir sobre as práticas de ensino, bem como permitir e incentivar a participação dos estudantes nos planejamentos de "novos" meios e abordagens em sala de aula, de modo que seja possível produzir conhecimento histórico em sala de aula a partir da participação efetiva do estudante, seus saberes e sua realidade local e de vida.

Torna-se, de fato, um desafio ensinar história para uma geração tecnológica, mas em outros momentos os desafios existiam também, diferenciavam-se, todavia eram recorrentes. Algo que é inerente a condição humana, colocar-se frente a desafios de cada tempo, questionar e superar, para em seguida encontrar-se novamente em situação de contradições e conflitos.

Apesar das resistências, entende-se que a tecnologia pode se tornar uma aliada do professor e do estudante, desde que utilizada com objetivos bem definidos, que contribuam para o ensino-aprendizagem e reflexão. E não apenas como técnicas atraentes, que "substituem" a ação do professor, para se ter "aulas diferentes", como chamou atenção Borges (2003), criando uma "Ilusão de Inovação".

A falta de diálogo entre o professores e estudantes acabam tornando a aula um palco discursivo de monólogos, já que a participação efetiva na construção de propostas educativas quase sempre preterem os estudantes. Isso tem corroborado para o desinteresse pela disciplina.

Outro fator de destaque são as aulas ministradas sem discussões e interação, com uso exclusivo do livro didático, algo que acaba reforçando a ideia

de que o professor é o único detentor do saber, que o livro é o correspondente oficial e verdadeiro, e que, a história é algo totalmente distante dos estudantes. Fatores que agravam, dificultam ou distorcem o conhecimento histórico. Narrativas prontas e pouco desafiadoras tornam-se altamente eficazes na promoção do desinteresse.

Convém aqui dedicar breve atenção a relação entre os professores e a escola, a segunda enquanto corpo gestor. Entende-se aqui que processos de construção coletiva e democrática de aprendizagem, prescindem de posições abertas por parte dos gestores educacionais, algo ainda a ser conquistado.

Tem se atribuído hoje ao professor todas as responsabilidades em torno da formação de um aluno, até mesmo as mais básicas. E ao professor são dadas as mínimas condições de trabalho e de planejamento, ou ainda abertura para questionar e refazer suas propostas.

Durante as entrevistas com alguns adolescentes da Escola Estadual Cândido Portinari, localizada no Município de Rolim de Moura (RO) para essa pesquisa, uma das estudantes relatou que, para ela o professor era estressado e não mantém um diálogo com a turma porque sempre têm muitos problemas da escola para resolver. Logo, observa-se que a percepção da estudante caminha na direção de "sobrecarga" de outros afazeres por parte do professor, a burocracia, as normas, as exigências, muitas das quais oriundas de políticas educacionais oficiais, que não nascem no chão da escola, acabem por gerar também a falta de tempo para planejamento e prepara para as aulas, bem como para descanso e contato com seus educandos.

Outro fator a ser destacado, diz respeito a formação docente, muitas vezes o professor é portador das lacunas e dificuldades ensejadas em sua formação. Sabe-se que devido a carência de profissionais, atualmente a preocupação maior tem sido simplesmente "profissionalizar" o maior número de pessoas possíveis, enquanto a qualidade torna-se fator secundário. O diploma tem sido o único objetivo. Como problematizou Déa Fenelon (2008, p. 26): "[...] o que realmente se quer é a formação do profissional, sobretudo o professor como o 'vulgarizador' do conhecimento, que, portanto não precisa aprofundar ou aprender a refletir historicamente."

Além dos problemas que envolvem a formação dos profissionais de História destacamos também os outros desafios que envolvem o processo de ensino-aprendizagem nessa disciplina. Tratam-se de desafios diários e que devem ser observados pelo professor, cremos, para uma melhor aprendizagem de seus educandos.

1.1. A Visão dos Educandos do Sétimo Ano Sobre a Disciplina de História

A educação tem sido um dos campos mais fragilizado na sociedade brasileira nos últimos anos. Fato que conseqüentemente traz instabilidade ao ambiente escolar e seus protagonistas. Conscientes das inúmeras dificuldades, problemas e desafios que perpassam o fazer docente, bem como das novas necessidades e possibilidades para que o ensino-aprendizagem torne-se eficaz e prazeroso em sala de aula é que se entende a necessidade de pensar a temática e estudá-la, tentando conhecê-la à luz das percepções discentes.

Pesquisar esse campo traz sempre problematizações surpreendentes, cuja necessidade de discussão e reflexão é considerável.

Além de apontar as dificuldades para o ensino de História a partir das observações em sala de aula, este artigo procura apontar a realidade observada no processo ensino-aprendizagem na disciplina de História, com base nas percepções dos educandos do 7º ano do ensino fundamental, bem como os desafios encontrados pelo docente diante do descontentamento dos educandos com a disciplina e os possíveis motivos para tais descontentamentos.

A disciplina de História é considerada por significativa parcela de estudantes como irrelevante, cansativa e desnecessária. Geralmente considerada como a "mais chata de todas", por tratar-se, segundo os estudantes, do estudo do passado e de eventos que não tem utilidade para vida. Buscando conhecer melhor essa concepção acerca da disciplina de história desenvolvemos um roteiro de questões aplicadas aos alunos da classe do 7º ano, para dessa forma, verificar os desafios para o ensino-aprendizagem em história a partir das percepções dos próprios educandos acerca da disciplina.

Chamado por uns de “desinteresse”, verificou-se que o que ocorre é que grande maioria dos estudantes não reconhecem a relevância do estudo do passado no tempo presente, entendendo a disciplina como narração de fatos de gente distante e antiga. Esta situação decorre em alguns momentos devido a falta de diálogo, bem como da ausência de conexão e problematização entre o passado estudado e o presente vivido, influenciando negativamente o processo de ensino-aprendizagem da história, visto que os estudantes continuam a percebê-la como uma grande linha do tempo, na qual os fatos são narrados em ordem cronológica e evolutiva.

A partir das entrevistas realizadas com os educandos verificou-se também que um baixo desempenho e interesse dos educando pela disciplina de história. Os entrevistados relataram que aulas com aparência improvisada são chatas e sem importância, bem como afirmaram não entenderem pra que se estuda história, e que seu conteúdo não é interessante.

Grande parte desses apontamentos veio acompanhada de reclamações em torno do diálogo e da pouca explicação em sala de aula. Os alunos alegam que na disciplina de História não há nenhuma proximidade com a vida deles, afirmando que estudar o passado é “chato”.

Todos os entrevistados disseram que não fazem parte da história pois não “nasceram no passado” e “nem fizeram coisas grandiosas”. A noção de história é ainda exclusivamente o pertencer ou estar no passado.

Conforme um dos estudantes, “[...] eu só vou fazer parte da história daqui há uns dez anos, quando já estiver mais velha e talvez ter feito algo marcante”. Outro estudante demonstrou claramente as noções de tempo e de história que tem sido “transmitidas” na escola, dizendo que é necessário esperar o tempo ir passando para se fazer parte da história, pois, segundo ele, desde sempre foi assim, “[...] os homens da caverna foram se evoluindo, e desenvolvendo novas coisas...e evoluíram...e teve os índios. E os homens continuaram se evoluindo até chegar hoje. E a gente vai continuando evoluindo, ai no futuro talvez eu entre pra história.” Segundo Holien Gonçalves Bezerra:

Para além da descrição factual e linear, a História busca explicar tanto as uniformidades e as regularidades das formações sociais quanto as rupturas e diferenças que se constituem no embate das ações humanas. Na verdade, o passado humano não é uma

agregação de ações comparadas, mas um conjunto de comportamentos intimamente interligados [...] (BEZERRA, 2010, p. 43).

Essas noções de evolução e divisão da história em ciclos lineares, somado as ausências e metodologias insuficientes em sala de aula tem aumentado o desinteresse pela disciplina de história e representado mais um desafio para o ensino. De acordo com as percepções dos estudantes as aulas têm sido repetições, narração de grandes fatos e estudo do passado de maneira isolada, por si só, sem nenhum objetivo aparente.

O passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto as aulas de história serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente". (PINSK, 2010, p. 23)

Compreende-se também que o preparo do professor é fundamental, desde os conteúdos até as características de suas turmas e suas demandas. É preciso conhecer as especificidades de cada turma, bem como os estudantes, quase sempre "alocados" em uma turma e desprovidos de subjetividades no contexto dos olhares docentes.

Conhecer os alunos, a turma, seus gostos, suas preferências, a vida daquela sociedade, a realidade local, são detalhes que certamente facilitam o preparo e desenvolvimento de aulas nas quais o educando pode participar ativamente enquanto aluno e sujeito da história, pois: "A história local deve necessariamente incluída nos estudos de História, mas não exatamente na ordenação do mais próximo ao mais distante, mas de forma a ser problematizada a cada momento de estudo (BITTENCOURT, 2010 p. 202)".

Fazer uso da história local também pode ser uma ótima oportunidade para se problematizar inúmeras questões, bem como leva-los a compreender que história não é somente aquilo que está contado no livro didático. Mas envolve-los com as questões locais, nacionais e mundiais. E assim, convidá-los a pensar, refletir, buscar, investigar e produzir conhecimento histórico (VILLALTA, 1998).

1.2 Propostas Metodológicas para o Ensino de História: Possibilidades de ensino a partir do Cinema, da Iconografia e da História Local

Conforme discutido até aqui não são poucos os desafios que circundam o ensino de história e afetam o processo de ensino-aprendizagem. Alguns conceitos e noções sobre história devem ser discutidas em sala, além disso, destacamos a importância em se atentar para a opinião dos estudantes e sua realidade de vida ao longo dos planejamentos escolares e elaboração de currículos de história.

Conhecer os educandos, seus gostos, preferências e dificuldades facilita o planejamento de uma aula, além de abrir portas para bons diálogos e discussões interessantes da história, através de conexões e *links* feitos entre passado e presente, conteúdo e cotidiano.

Os mesmos avanços tecnológicos que podem ser concorrência para o professor servem também de ótimas ferramentas para o ensino. Há hoje uma infinidade de recursos disponíveis em muitas escolas. O livro didático, muito criticado atualmente, têm trazido algumas melhorias, que podem ser exploradas pelo professor, como por exemplo, trechos de documentos, dicas de documentários e filmes, entre outros. A importância dessas ferramentas para o ensino de História é ressaltada, veja:

Um dos caminhos a serem trilhados, para que o ensino de História seja mais eficaz e interessante, é oportunizar ao aluno o contato com documentos de diferentes épocas, com textos produzidos por autores especializados, a leitura e interpretação de obras literárias, pinturas, gravuras, textos jornalísticos que tenham sintonia com os conteúdos enfocados. O contato com filmes, jornais, revistas e músicas, com certeza, darão uma valiosa contribuição. (ROCHA, 2003, p.3).

O uso de tecnologias não é sinônimo de garantia de um melhor aprendizado. Constitui em uma ferramenta que precisa ser problematizada. Pois se trata de uma possibilidade de se fazer avançar o processo de ensino-aprendizagem. Então, oferece vantagens, mas não garante o "sucesso" de uma aula.

Em alguns casos os professores não dominam ou não gostam de fazer uso de nenhuma técnica que altere a aula expositiva, preferem seguir com a metodologia dita "tradicional". Chamamos de metodologia tradicional nesse

artigo aquela em que apenas o professor fala e os alunos são considerados papéis em branco. Outros, por sua vez podem fazer uso desses recursos e continuar sendo tradicionais, pois não apenas o modo, mas fala conservadora também diz muito sobre formar para autonomia ou para a submissão.

É o que ocorre, por exemplo, quando não há preocupação em problematizar as fontes utilizadas para as aulas, ou sequer mencionar que todo discurso construído se faz a partir de um lugar do sujeito da enunciação e de que também é feito com o "cimento" das fontes que também precisam ser questionadas, sejam elas imagens, documentários, filmes, músicas.

A seguir são apresentadas três propostas que podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. O uso do cinema, da iconografia, e da história local. As foram escolhidas com base nas entrevistas realizadas com os educandos do 7º ano, suas percepções e anseios em relação ao ensino e disciplina de história.

A primeira a ser discutida é o uso de narrativas fílmicas no ensino de História.

Atualmente, há uma considerável diversidade de filmes que podem ser trabalhados em sala de aula. Estes devem ser usados para problematizar algo, contribuir para uma discussão, complementar a aula, e não como substituto da ação docente em sala.

É necessário conhecer a turma para a qual se leciona e principalmente se acautelar para não enrijecer um assunto ou uma opinião, cuidando, por exemplo, para que o filme não seja tomado como verdade absoluta.

No caso dos filmes, geralmente quem produziu o fez pautado em um roteiro com abordagem escolhida e localizada contextualmente, tanto pelo autor e diretor, quanto pelo momento histórico em que está inserido. Outro ponto que chama atenção é o quanto de bilheteria do filme irá render. "Geralmente, o filme histórico revela muito mais sobre a sociedade contemporânea que o produziu do que sobre o passado nele encenado e representado". (NAPOLITANO, 2003, p. 38).

O recurso fílmico é uma ótima ferramenta a ser trabalhada em sala, mas é preciso que o professor esteja a todo o momento atuando como mediador, problematizando os fatos nele representados.

Ainda segundo Napolitano o professor não deve cobrar “verdade histórica” nos filmes a serem usados, “[...] porém não pode deixar de problematizar eventuais distorções na representação fílmica ou da sociedade em questão” (2003, p. 39). Ao fazer o uso dos recursos fílmicos, o docente além de preocupar-se com conteúdos, tem que ter em mente a formação crítica e analítica dos educandos sobre os filmes “históricos”.

A segunda possibilidade a ser abordada no ensino de História é o uso de imagens. Para discutirmos essa possibilidade recorreremos a obra “*História & Imagens*” de Eduardo França Paiva, que nos indica alguns caminhos a serem seguidos quando se trabalha com imagens no ensino de História. As pinturas e as imagens são importantes fontes históricas, mas muitas vezes usadas erroneamente pelos educadores em sala de aula, apenas como ilustração, ou como imagem do real. Sobre a iconografia Paiva afirma:

A iconografia é, certamente, uma ferramenta histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem que ser explorada com muito cuidado. Não são raros os casos em que elas passam a ser tomadas como verdade, porque estariam retratando fielmente uma época, um evento, um determinado costume ou uma certa paisagem. Ora, os historiadores e os professores de história não devem, jamais, se deixar prender por essas armadilhas metodológicas. (2002, p. 17.).

Assim como no uso de recursos fílmicos, as imagens também devem ser problematizadas pelo educador, uma vez que ela foi criada a partir de escolhas feitas por quem a produziu, ela precisa ser analisada e para isso Paiva nos mostra algumas perguntas que devemos fazer a essas fontes “acompanhadas de outros procedimentos”, entre elas estão: Quando? Onde? Quem? Para quem? Para que? Por quê? Como? O autor continua dizendo que “[...] Além disso, temos que nos perguntar sobre os silêncios, as ausências e os vazios, que sempre compõem o conjunto e que nem sempre são facilmente detectáveis”. (PAIVA, 2002, p. 18).

Se o educador não se basear ou aplicar algum método de análise dessa fonte histórica ele poderá, transforma-la em verdade absoluta aos olhos dos educandos.

A imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso. A História e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e olhares de seus produtores e dos demais agentes que influenciaram essa produção. (PAIVA, 2002, p. 20).

Os livros didáticos atuais, trazem inúmeras imagens, algumas contudo sem a devida problematização. Aparecendo nos livros e nas aulas apenas para “decorar” ou ilustrar eventos. Assim como os filmes o uso de imagens também oferece desafios. E para se obter resultados a partir do uso da iconografia é preciso que haja planejamento, para que não se caia em possíveis armadilhas

A fim de exemplificar as armadilhas que uma imagem pode apresentar, citamos o exemplo oferecido por Paiva (2002), da tela de Victor Meirelles, *Primeira Missa no Brasil*, de 1861, muito presente nos livros didáticos. Essa obra é muito interessante, pois além das riquezas de informações, ela carrega muitas armadilhas. Geralmente essa obra é usada ou até mesmo vista como um retrato fiel da chegada dos portugueses no então Brasil. “Essa obra foi pintada na segunda metade do século XIX, portanto, quase quatrocentos anos após o evento retratado, ter pretensamente ocorrido, pelo menos da forma como ficou descrito” (PAIVA 2002, p. 93). Outra observação feita na obra pelo autor é que o coqueiro presente na tela não é originário do Brasil, ele foi trazido da Índia. “O coqueiro, portanto, não poderia fazer parte da cena de Meirelles”. (PAIVA 2002, p. 94).



Figura 1 "A Primeira Missa no Brasil" de Victor Meirelles⁵

Fica evidente que as imagens representam boa possibilidade de ensino. E também considerar a necessidade de se desenvolver uma análise dessas imagens, usadas como fontes durante as aulas. Lembrando-se de trabalhar com os estudantes o contexto de sua produção, desenvolvendo junto deles essa análise, processo fundamental para que os estudantes não as vejam como representação absoluta da História.

A terceira e última proposta metodológica é a do uso da História local nas aulas. Discutir e conhecer a história local revela-se de suma importância, pois além de permitir e contribuir para que os educandos conheçam a história e realidade do ambiente em que vivem, é possível que se sintam como sujeitos históricos, percebam-se como agentes e participantes da História.

Junto aos estudos da história local é interessante que se faça sempre conexões com a história nacional e geral, bem como com o passado e o presente. Associando e apontando na realidade a que pertencem as conexões com a história que estudam. Trata-se apenas de sugestões simples pensadas a partir das necessidades apontadas pelos próprios estudantes, obviamente que

⁵ Disponível em: <https://www.museus.gov.br> Acesso em: 30/10/2016

cada professor terá em sua práxis desafios próprios e terá que buscar alternativas críticas e criativas para cada situação em que se depara, veja:

O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob forma de conhecimento histórico, ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e trabalhado, contribui para a construção de consciência histórica (SCHMIDT, CAINELLI, 2010, p. 114).

Nesse trabalho entende-se que a história local não está desvinculada das demais Histórias, ressaltamos que ao abordamos a História local deve-se ter consciência de que a História local está interligada com a História do Brasil, e do mundo, ideia salientada por Schmidt e Cainelli na obra "Ensinar História".

É importante observar que uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos. (SCHMIDT; CAINELLI 2010, p. 190.).

Ao conhecerem a história local é possível que os educandos compreendam com maior facilidade as relações estabelecidas entre sua região como as demais regiões, bem como entender sua participação e de sua família e sociedade na história. Construída através da contribuição de vários indivíduos, dos mais diversos lugares e momentos.

Trabalhar com a história local pode ser um bom complemento para o livro didático que não apresenta a participação de sujeitos diversos, pelo contrário, apenas apresentam alguns personagens caracterizados por seus grandes feitos e seus grandes feitos:

O ensino de História Local vem, de certa forma romper com esta visão tradicional em que se priorizava o estudo da chamada "História Geral da Civilização Brasileira", na tentativa de se passar para nossos alunos a ideia de um Brasil homogêneo, sem diferenças e contradições sociais e um passado unívoco a ser

“decorado” e utilizado apenas nos exames e arguições. (FERNANDES, 1995, p. 44-45.).

O objetivo foi também acenar para possibilidades alternativas para o ensino de História, que podem oferecer vantagens ao processo de ensino-aprendizagem dos educandos, trazendo maior sentido às aulas e tornando-as, por meio de discussões e participação dos estudantes, mais prazerosas e proativas. Oportunizar a participação dos estudantes como sujeitos capazes de pensar, refletir, investigar e produzir é indispensável para qualquer que seja a metodologia utilizada.

Considerações finais

A pesquisa permitiu perceber que os estudantes não demonstram interesse pela disciplina por se tratar de algo muito distante deles. Muito desse desinteresse provém, como se percebe, da ausência de diálogos, problematizações, discussões em sala entre docentes e discentes e metodologias que favoreçam sua participação e mesmo o protagonismo estudantil.

Para tanto é importante que o docente tenha consciência de que é necessário preparo, estudo, leitura, diálogo. E estar atento também a realidade local de seus educandos. Problematizar a história local torna-se uma ótima ferramenta para fazer uma conexão entre a história ensinada e a história vivida, cotidiana. A partir dessas reflexões o passado passa a fazer sentido junto com o presente, e o educando, antes apenas ouvinte é também agora agente, participante da história, logo a disciplina torna-se também alvo de “interesse”. O ensino de história deve estar vinculado não apenas ao conhecer o passado, mas comprometido com as demais necessidades para o bom desenvolvimento do educando no processo de ensino-aprendizagem, e para o viver social.

Quando consciente do objetivo de se estudar história e preocupado com o refletir e produzir conhecimento histórico, em vez de narrar e “transmitir”, o professor desperta nos seus educandos interesse por aquilo que trabalha caso contrário, a aula se torna um monólogo, cansativa e desnecessária como dizem os educandos em relação ao “estudo do passado”.

Referências

BITTENCOURT, C. *A Identidade Nacional e Ensino de História do Brasil*. P.185-204. In.: KARNAL, L. (Org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BORGES, M. E. L. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FERNANDES, J. R. O. *Um lugar na Escola para a História Local*. Ensino em Revista, jan/dez, 1995. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/7809/5165>>
Acesso em 4 de dezembro de 2015.

KARNAL, L. *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PAIVA, E. F. *História & Imagens*. Coleção: História & Reflexão Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PINSKY, C B.; PINSKY, J. Por uma História prazerosa e consequente. In.: KARNAL, L. (Org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, A. C. da. Proposta metodológica para o ensino de história. *Revista de Ciências Humanas*. v. 4, n. 4. Erechim, 2003. Disponível em:
<<http://www.grugratulinofreitas.seed.pr.gov.br/>> Acesso em 2 de dezembro de 2015.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2010.

VILLALTA, L. C. Reconstruindo e Ensinando a História no Nível Fundamental (5ª à 8ª séries). Metodologia da investigação. *Revista Caderno do Professor*. n. 3, 1998.

*Recebido em 29 de outubro de 2015
Aprovado em 07 de agosto de 2017*